

Depois da enchente, ruas que nunca alagavam passaram a registrar problemas

Em São Leopoldo, os reflexos da enchente histórica também seguem impactando o cotidiano dos moradores. Assim como em Novo Hamburgo, o problema da moradia é um desafio a ser enfrentado e superado, mas há tantos outros impactos trazidos pela enchente que fazem a comunidade não esquecer daqueles dias.

Um desses problemas é a questão da drenagem, que, mesmo passados dois anos da cheia, ainda não se resolveu, apesar de ações como o desassoreamento do Rio dos Sinos, a limpeza de córregos e intervenções com hidro-jateamento.

Conforme os moradores de bairros como Santos Dumont, Rio dos Sinos, Vicentina e Scharlau, basta uma chuva um pouco mais forte para que as ruas fiquem alagadas. A empresária Cristiane Araújo Motta, 52 anos, dona de uma academia na Vila Brás, afirma que antes da enchente a rua onde mora e tem seu negócio não enfrentava problemas em dias

chuvosos. Mas essa realidade mudou desde então.

A Rua Guaíba, que é uma travessa da principal via do bairro, a Leopoldo Wauson, passou a alagar sempre que chove. “Moro há 40 anos aqui e essa não era nossa realidade. Depois da enchente, a rua não parou

mais de encher, de alagar”, explica. Na semana do Carnaval deste ano, por exemplo, a água voltou a entrar na casa da empresária, molhou móveis e reascendeu aque-

potência. “Aí vem um filme na cabeça, estragou as coisas”, pontua.

Não é apenas a rua de Cristiane que alaga. Outras tantas famílias da Brás e de outros bairros sofrem o mesmo problema. Moradora da Scharlau, Thaís de Jesus Acosta, 22 anos, conta que na Rua Niterói, onde mora, também passou a sofrer com constantes alagamentos após a enchente. “Sempre fica aquele pensamento de que a água pode entrar nas casas de novo.”



Cristiane Motta



THAÍS DE JESUS ACOSTA

Rua Niterói, no bairro Scharlau, passou a alagar após cheia

Prefeito apresenta os desafios que São Leopoldo ainda tem

O prefeito de São Leopoldo, Heliomar Franco, destaca avanços. “O sistema original dos diques está praticamente restituído à altura original, que com o passar do tempo foi adensando pela chuva e pelo tráfego.” A curto prazo, uma das melhorias é elevar o muro do Arroio Cerquinha, cuja obra deve iniciar no próximo mês, e desassorear o Arroio Gauchinho, no limite com Novo Hamburgo. “Dali sairão cerca de 70 mil toneladas de terra e areia, formando uma grande bacia de amortecimento das águas de chuva”, destaca. Além disso, o governo providencia a instalação de duas bombas anfíbias na Vila Brás e a fixação de outra no Vicentina. A médio prazo, Heliomar prevê a construção de uma casa de bombas com cinco equipamentos na comunidade Steigleder, no bairro Rio dos Sinos, com nova bacia de amortecimento e uma grande vala de drenagem. Nesse meio tempo, seguem obras de desobstrução de tubulações de água e esgoto, e limpeza e substituição de tampas de bocas de lobo pela cidade.

El Niño pode trazer novas enchentes neste ano

Com muitas obras nem iniciadas ou em marcha lenta, o avanço das previsões meteorológicas que indicam uma possível intensificação do fenômeno El Niño volta a acender o alerta para novos episódios de chuva acima da média e risco de cheias no Rio Grande do Sul nos próximos meses. O fenômeno climático é caracterizado pelo aquecimento anormal das águas do Oceano Pacífico Equatorial e pode influenciar diretamente o regime de chuvas em diversas regiões do planeta. Para o Sul do Brasil, especialmente o território gaúcho, os modelos mais recentes apontam tendência de precipitações acima da média.

Diante desse cenário, órgãos de monitoramento mantêm acompanhamento constante, ressaltando que as projeções ainda estão em atualização. Na capital, o tema mobilizou uma agenda direta entre governo estadual. Em reunião no começo da semana, o governador Eduardo Leite e o prefeito

Sebastião Melo trataram do reforço das ações de proteção contra cheias em Porto Alegre junto a responsáveis pelo sistema de proteção e pela agenda de reconstrução e adaptação climática.

No Vale do Sinos, vereadores de Novo Hamburgo e parte da equipe técnica da Secretaria de Obras Públicas e Infraestrutura (Smopi) do município se reuniram nesta quinta-feira (23) no dique do bairro Santo Afonso para uma prestação de contas sobre as obras no local. Diretor de Obras Públicas, Dalmar Locatelli explicou que foram investidos R\$ 5,6 milhões de recursos federais para recuperação da estrutura.

Sobre sinais de fissuras apontados por moradores, o engenheiro civil explica que não se tratam de rachaduras. “São ravinas, da característica da própria argila”, esclarece. “A chance do dique romper por empurramento é nula. O dique não vai romper”, completou. (Dário Gonçalves e Juliano Piasentin)

Escoras de madeira mantêm de pé casarão histórico em São Sebastião do Caí

ISAÍAS RHEINHEIMER/GES-ESPECIAL

Um casarão antigo de São Sebastião do Caí, onde ocorriam oficinas culturais, segue interditado desde a enchente de 2024. Há um mês, as paredes laterais foram escoradas por ripas de madeira pelo risco de desmoronamento da estrutura. Apesar de não ter a sede disponível, as oficinas do Cemaca estão sendo realizadas em outro espaço público, mas o sentimento da população é de tristeza por ver o patrimônio histórico sendo abandonado aos poucos. “O Caí está perdendo toda sua essência, aquele charme de cidadezinha do interior, por não valorizar a história”, opina a moradora Zoraia Câmara, 66 anos.

A Prefeitura garante que o processo de recuperação do prédio vem sendo conduzido com responsabilidade técnica e atenção à segurança da edificação. Conforme o Executivo, o projeto de recuperação foi elaborado



Antigo casarão de S. S. do Caí em compasso de espera

em 2024 e, ao longo de 2025, o município atuou na ampliação dos recursos. A partir disso, foram realizados os processos licitatórios, que passaram a enfrentar intercorrências, como “patologias estruturais não evidentes”. Atualmente, a Prefeitura está em trâmites para a contratação de empresa, que será responsável pela elaboração de um laudo e de um projeto de estabilização da fachada e reforço estrutural para, então, retomar a obra.

Outra marca da enchente para municípios do Vale do Caí são obras prometidas para tentar minimizar os impactos das cheias. O governo do Estado prometeu a construção de cinco galerias na RS-124. Conforme o Daer, o projeto básico de recuperação e melhorias da RS-124 está em análise pelo departamento. Ainda no primeiro semestre deste ano as obras terão início, com investimento de R\$ 46,9 milhões.

Três Coroas ainda não fez contenção de encosta que desmoronou e destruiu mais de 20 casas

ISAÍAS RHEINHEIMER/GES-ESPECIAL

No Vale do Paranhana, Três Coroas foi um dos municípios mais prejudicados. Além de sofrer com a cheia do rio que corta o município, um deslizamento de terra destruiu mais de 20 residências na Vila Dreher, próximo ao limite com Gramado.

Algumas dessas casas foram soterradas e ficaram desmanchadas pela avalanche de terra. Outras tiveram a estrutura danificada e foram condenadas pela Defesa Civil. Cerca de cem pessoas foram diretamente afetadas pelo episódio.

Dois anos depois, as marcas desse desastre, que não acabou numa tragédia fatal pois as rachaduras da encosta foram vistas previamente e a área foi evacuada, seguem por lá. Ainda há vestígios das casas levadas pelo deslizamento e tantas outras demolidas após condenadas.



Escombros de casas destruídas por deslizamento de terra

O que não mudou de lá para cá é a construção de uma barreira de contenção nessa encosta no final da Rua Jacob Limm, que dá de frente para as ruas Guilherme Hoppem e José Brocker. Conforme a Defesa Civil, o município foi contemplado com recursos do governo federal para realizar a obra, que deve custar em torno de R\$ 15 milhões. O projeto está em fase final. “Vamos fazer uma espécie de escadarias de escoamento, para diminuir

a velocidade da água, para que não ocorram mais deslizamentos naquela parte”, explica Augusto Dreher, coordenador local da Defesa Civil.

Em outra parte do mesmo loteamento, está prevista a construção de taludes com drenos para direcionar a água para uma rede pluvial. A Defesa Civil também aponta a necessidade de se avançar nas ideias de contenção de encostas no bairro Semaco e nos loteamentos Leuck e Arpoador.